

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PRÓPRIEDADE DA EMPREZA DA  
*REVISTA DE TURISMO*

LISBOA, 5 DE MAIO DE 1918

ANO II—N.º 45

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO  
ANO . . . . . 1\$40 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . . . 70 || ANO . . . . . 3\$00  
N.º MERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## O NOVO REGULAMENTO DOS CAMINHOS DE FERRO

ESTAMOS na presença do diploma mais extraordinário que conhecemos: o novo regulamento dos caminhos de ferro, sahido no *Diário do Governo* de 4 do corrente. Percorremo-lo atentamente e ficou-nos a impressão de que nem ha Empresas que o possam cumprir, nem ha publico que o possa aturar.

Não nos queremos referir á parte que diz respeito ao pessoal, nem ao serviço de mercadorias, por isso não estar na índole d'esta Revista; mas trataremos do que diz respeito a passageiros, e mesmo assim ao de leve, pois o diploma em questão dar-nos-hia assumpto para muitos artigos, se o espaço nos não fosse preciso para outras coisas.

O novo regulamento, não permite ás empresas vender mais bilhetes que a lotação das carruagens, e como o movimento de viajantes é muito irregular, das duas uma: ou os passageiros tem de ficar na estação á espera d'outro comboio, embora isso lhes cause, ás vezes, um prejuizo irreparavel; ou a composição d'estes será tão grande, que sobrecarregará a tracção com uma elevada despeza.

Pense-se na situação d'um passageiro que viajou horas e horas por montes e vales em demanda ao caminho de ferro, e ao chegar á estação receba a noticia de que não tem lugar no comboio e tem de ficar uma noite, n'uma estação, que como na sua maioria, são situadas longe das povoações, e só lhe resta ali um banco para pernoitar! E se esse mesmo viajante tem longe a familia, ou um automovel á sua espera, como participar tão grande contratempo?

Prohibe-se, tambem, que os passagei-

ros, á falta de lugares, passent á classe superior. Mas, lá estamos na mesma, o remedio é ficar, se na estação não houver outra carruagem da sua classe para atrelar ao comboio.

Outra parte não menos edificante do novo regulamento, é aquella que só permite que os horarios sejam alterados de 3 em 3 anos.

Quer dizer, se uma localidade ou se os interesses d'uma região reconhecerem a vantagem, como todos os dias succede, de se alterar o horario, não pode o desejo ser satisfeito antes d'aquello longo prazo de tempo.

Só para os comboios internacionaes é permitido haver mudança de horario. N'este caso, o auctor da lei provou um desconhecimento completo do serviço de caminhos de ferro, pois se muitas vezes a mudança do horario d'um simples comboio de mercadorias faz alterar a marcha a comboios rapidos de longo curso, como o não hão-de de fazer os comboios internacionaes, que tem ligações com os nossos principaes comboios, e com aqueles que ligam com outras linhas?!

A mudança do horario do *Sud Express* pode trazer uma radical transformação aos comboios de serviço interno—sabe-o o mais modesto ferroviario.

Sobre horarios, muito teriamos a a dizer, se o momento fosse azado; mas a seu tempo falaremos. O que, porem, nos parece logico, é acabar com a actual Fiscalisação do Governo, onde a competência em materia de horarios é affirmada nas *assignaturas de cruz* com que são referendados os projectos que as companhias apresentam; e em sua substituição, organizar uma repartição

com pessoal absolutamente competente e com força para poder fiscalisar todos os serviços; e quando um horario lhe fosse apresentado, estuda-lo convenientemente, fazendo-lhe as retificações que os interesses do publico aconselhem, para não acontecer, como algumas vezes, aprovarem-se horarios com manifesto prejuizo publico.

Na visinha Hespanha, esse serviço está tão bem organizado que as companhias tem uma grande dificuldade em alterar as marchas dos seus comboios, pois a fiscalisação do governo faz um tão rigoroso estudo sobre os horarios que lhe apresentam, que não os despacha sem ver se as ligações nos entroncamentos, quer sejam da propria rede quer das linhas estranhas, estão asseguradas; se as horas de chegada e de partida dos *terminus*, e bem assim das principaes estações, são propicias ao publico.

Cá, nada d'isso se faz.

No mesmo diploma, estabelece-se a obrigação das empresas reservarem sempre em cada comboio um compartimento para senhoras. Pois desafiamos quem quer que seja, a provar-nos que, á aparte os rapidos e correios Lisboa-Porto, não ha comboio algum, onde diariamente viaje, em media, uma senhora só em 1.ª classe.

Ora, n'este caso, pôr um compartimento para ir ás moscas, quando os outros passageiros se apertam nos demais compartimentos, parece-nos exigencia demasiada.

Depois, não se permite que os comboios de passageiros possam transportar mercadorias em pequena velocidade. Adeus, comboios mixtos! que tão bons serviços prestaram! Adeus, comboios de mercadorias com a carruagem mixta, que nos levavam de uma estação á outra proxima!...

Lá foi tudo na voragem, esquecendo que para a boa economia publica e das empresas, é preciso aproveitar,

nas pequenas linhas, o serviço de mercadorias e passageiros em comboios mixtos.

Seria talvez melhor inverter este artigo, dizendo—que era prohibido nos comboios de mercadorias transportarem-se passageiros, e assim acabariam, na maioria das nossas linhas, os comboios de viajantes, pois o numero d'elles não enche diariamente uma caruagem quanto mais um comboio.

E' bom que lembremos que, aparte

as linhas do Norte, Oeste, Sul, Minho, Douro e mais algumas, os comboios tem de ser mixtos, pois os passageiros não dão para fazer comboios omnibus.

Em conclusão: fazemos estes reparos por dever de officio, pois o diploma em questão parece-nos que não entrará em vigor, pelo motivo já apontado, de não haver nem Empresas nem publico que o possam cumprir.

GUERRA MAIO

## O TURISMO EM PORTUGAL

### E OS SEUS BENEFICOS RESULTADOS

PARA se levar um povo, como o portuguez—na situação moral em que presentemente ele se encontra—ao convencimento dos seus deveres, das suas obrigações e a enveredar pelo caminho da felicidade, ha que repetir-lhe milhentas vezes as coisas, ha que n'elas insistir, até que a sua comprehensão, mostrando-se absolutamente clara, se denuncie por idéas consequentes.

Na generalidade, todos nós temos mais de egoismo que de intelligencia; quando precisamente esta qualidade devia ser muito superior aqúelle defeito, para o atenuarmos até o ponto de não ser prejudicial a nós mesmos.

D'ahi resulta a necessidade imperiosa—para aqueles que não pensam só no seu bem-estar nem tampouco nos seus immediatos interesses—de preparar o terreno, quer seja pela palavra ou iniciando a execução das suas idéas, e de mostrar com exemplos os beneficios e vantagens d'elas emanentes.

E' um ensinamento extenuante, mas indispensavel. E como temos esperanza no seu resultado, por isso não nos cançamos de insistir na exposição das nossas idéas, repetindo-as pela forma mais convincente que sabemos expôr, e confirmando-as com o reforço de opiniões auctorizadas, mesmo para que os desdenhosos não nos acoimem de utopistas ou de phantastistas.

Felizmente, todas as nossas idéas como as nossas palavras, tem encontrado o mais seguro apoio na opinião d'aquelles que na industria de turismo vêem o principal factor para o equilibrio da nossa situação economica e para o consequente desenvolvimento da riqueza publica. Essa confirmação tem sido provada com as transcripções aqui já feitas e que continuaremos fazendo á medida que ella se fór pro-

duzindo, para que, quem nos lêr, se convença da nossa razão—e isso nos basta.

Assim, vamos hoje inserir n'estas columnas a introdução da these que foi brilhantemente defendida, no ultimo congresso hoteleiro, pelo distincto engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, que na causa do Turismo disfructa um dos primaciaes logares.

E' a seguinte:

«Aplicando ao nosso paiz as frases do Hugues Le Roux, o turismo não é um passatempo de abastados, nem um desporto, nem apenas uma industria ou um comércio, mas, na sua verdadeira significação, é o paiz completamente desenvolvido nos seus interesses economicos, animado na sua vida regional, conservado nas suas tradições, engrandecido na sua hospitalidade, embelezado nos seus cantos pitorescos; n'uma palavra: duplicado em todas as suas riquezas materiais, morais, intellectuales e artisticas.

Todos os paises que caminham na vanguarda da civilização estão de acôrdo sobre a importância economica, financeira, commercial e agricola do turismo, que é considerado como uma forma de actividade contemporanea, que estabelece relações entre os homens, trazendo-lhes ensejo para repouso, para mudança de ambiente e de clima, para troca de ideas e de imagens, para conhecimento de costumes de vários povos, para instrução. Tem elle subido valor para um paiz como o nosso que oferece todos os aspectos pitorescos do mar, das serras, dos campos, tam variados; as belezas architectonicas dos monumentos, a variedade de trajos e costumes regionais. Enquanto que, fóra de Portugal, todos o auxiliam, e a corrente de turistas aparece como um rio benéfico, condutor de areias de ouro, que um esforço comum capta, dirige, canaliza, draga e conduz de forma a fecundar os paises que cruza, entre nós se lhe não abre leito, se lhe não afunda canal.»

E' bem certo. Não se abre o leito —n'este Paiz—á incomparavel industria de turismo, porque o caminho da sua drenagem é de pedra granítica—como o dos blócos da dura rocha onde geralmente esbarram todas as iniciativas em Portugal.

Mas, lá diz o dictado: *agua mole em pedra dura, tanto dá até que jura.*

Por isso é que nós, ha quasi dois anos, vimos insistindo nas nossas idéas, repisando-as, dando-lhe formas diversas e côres variadas, na esperanza, muito legitima, de—em obediencia ao preceito d'aquelle velho rífão—vêr coroada de bom exito esta persistente campanha, onde o symbolo augusto da Patria é o nosso unico guia. E estamos certos de que, abertos os primeiros sulcos na escarpada montanha onde se vem ferindo o nosso escopro, o caminho desembaraçar-se-ha pela força da corrente que, então, impetuosamente se canalizará por entre as paredes d'esses sulcos, e afastará—ou levará deante de si os embaraços e *entulhos* que lhe poderiam, ainda, causar qualquer estorvo.

Confessamos, porem, que só com os nossos recursos, o caminho levará muito tempo a desbravar. E' uma obra assaz grandiosa para que tão debeis forças a possam levar de vencia em curto prazo. Por isso, indispensavel é o concurso de outros obreiros, activos e energeticos, que, obedecendo a uma superior direcção, produzam a proficuidade que ha a esperar do seu trabalho. N'ele tem de se empregar todas as energias, todas as forças, toda uma completa intelligencia para que os seus efeitos dêem os resultados desejados, na cmunhão de interesses em que o Paiz é o mais beneficiado.

Ora, para que d'ahi resulte *obra azeitada*, é forçoso que essa direcção superior se effective; é indispensavel que as ações dispersas se congreguem n'uma mesma orientação; é necessario que do conjuncto de obras e da exhibição de factos se mostre que enveredamos realmente pelo caminho direito e que a auctoridade com que se pratica é legitima e sufficiente para se impôr aqúelles em que o espirito de empatar constitue o timbre da sua vida.

E se assim não procedermos com a maior urgencia, não teremos, depois, de extranhar, vendo que, apezar de todas as inegalaveis condições com que a Natureza prodigamente nos dotou, as outras nações aproveitam, além dos seus especiaes recursos, mais a nossa indolencia, a nossa incuria e o nosso mau patriotismo.

Fomos já grandes aos olhos de

todo o mundo. Estamos, presentemente, n'uma situação de minúsculos perante os outros. Porque não havemos de reagir a esta apathia que nos envolve?

Não nos parece exigência que não possa realizar-se.

Trabalhemos pois, com amor e entusiasmo, e os nossos esforços serão glorificados pela posteridade.

JOSÉ LISBOA.

## “BELEZAS”, DA NOSSA TERRA

### A EXPLORAÇÃO AOS ESTRANGEIROS

Um reporter do jornal matutino, «A Manhã», para fazer uma idéa clara da forma como os estrangeiros são tratados pelas diversas pessoas que nas praças publicas de Lisboa fazem o seu commercio ou exercem a sua industria, valeu-se do recurso que melhor poderia conduzir o ao fim dos seus desejos: *armou-se em «touriste»* estrangeiro e divagou pelas diferentes arterias da Capital.

O que esse reporter conta na sua descripção é assaz edificante; e por isso mesmo vamos com a devida venia, transcrever n'estas columnas em relato, não como *réclame* a uma visita á nossa primeira cidade, mas para concorrermos tambem na *glorificação* das instancias encarregadas de velar por estas *coisas* mínimas.

Começa assim essa descripção:

«O que, sobretudo, torna Lisboa e Porto insuportaveis n'este ponto de vista é a exploração que se faz ao estrangeiro. Ha muito que chamavam a minha atenção para isso, sendo-me citada as exorbitancias que são reclamadas aos estranhos que nos visitam. Como porém, tenho por norma não fazer afirmações sem possuir a certeza absoluta do que digo, resolvi mais uma vez ir realizar essa «reportagem pelo facto», passando por estrangeiro e testemunhando detalhadamente até que ponto chega esse crime de lesa-hospitalidade e de lesa-patriotismo.

Estiveram ha dias no Tejo uns barcos francezes que despejaram em terra uma multidão de gaulezes—eles de longas barbas ruivas; elas com os rostos escandalosamente coloridos de «batons» e de carmins—que em breve fizeram circular todos as tipóias e autos pelos quatro cantos da cidade e musicaram o ambiente dos cafés com o retinir dos seus «rr» cortantes. Ora, não é de grande dificuldade o dar á nossa pessoa um aspecto de «touriste». Uma boina inglesa, um binoculo, um «kodach»—e pronto! Eis-me estrangeiro em visita á minha terra.

#### BILHETES POSTAES

#### FLORESE O «MATIN»

Apeei-me do electrico no Aterro, pouco mais ou menos no sitio onde se achavam ancorados os taes barcos francezes. Depois, fui seguindo a pé, vagarosamente, até chegar ao Caes do Sodré. Abancado a uma mesa do Royal, esperei o resultado da mi-

inha comedia. Não se fez demorar. No curto espaço de uma hora vieram-me oferecer bilhetes postaes doze garotos; flores, quatro vendeiras, e photographias pornographicas quinze «vovous». Os bilhetes postaes que me ofereciam vinham em «carnets» e cada «carnet» colecionava doze Esses bilhetes postaes eram de uma edição inferior, impressos a negro. O seu preço official para portuguezes, em qualquer tabacaria, é de \$20.

—«Combien»? perguntei ao primeiro.  
—... «trois»... francos! me responderam todos; uma diferença de quasi cinco tostões. Mas houve peor... houve quem me pedisse por um raminho insignificante de flores, dos que custam na Baixa tres um vintem, «cinco tostões»!

O que, sobretudo, notei de horrivel foi a insistencia e o impudor com que os typos oferecem livros e photographias pornographicas. A meu lado estava um casal de francezes acompanhado de dois pequenos. Pois um cavalheiro, magro, com as mãos todas cheias de tatuagens, que eu depois soube ser conhecido no sitio pelo «Vira paus», sem se importar com a senhora nem com as creanças, desdobrou o jornal em que trazia escondida a sua mercadoria repugnante e patenteou-a ao cavalheiro.

#### OS TRENS E AUTOMOVEIS

Dirigi-me ao Rocio para apreçar uma carruagem. Pelo caminho, um vendedor de jornaes amator ofereceu-me o «Matin» e «La Victoire». Fingindo desconhecer a moeda portugueza, peguei em dois exemplares, tirei do bolso dinheiro e, estendendo-lhe a mão, fiz-lhe signal para me indicar a moeda que devia pagar os dois jornaes. O figurão, sem se perturbar, aponta-me para uma moeda de dois tostões...

No Rocio, passando pelo lado occidental, os cocheiros avistaram-me e começaram a oferecer-se.

—O cavalheiro precisa de algum trem? Aproximei-me de um e perguntei:  
—«Une voiture pour trois heures»...

O homem, depois de alguma dificuldade, comprehendeu-me e sem pestanejar disse-me:

—Dez mil réisinhos, «monsieur»; e ia já apromptar o carro para partir.

Fingi-me indignado e parti. Como todos muito bem sabem o preço habitual de cada hora é de 1\$50. Portanto tres horas eram quatro mil e quinhentos.

Mas o «clou» da minha investigação foi com um «chauffeur» na praça dos Restauradores. Havia já algum tempo que eu era seguido por um sujeito cuja cabeça era de tal modo apertada nas fontes que deixava sem dificuldade supor um nascimento com

intervenção cirurgica. Quando eu descompuz em francez o cocheiro, ele, abordando-me, perguntou-me, n'um francez exquisito, se eu queria um automovel para «faire un tour». Disse-lhe que sim. Pelo caminho ele contou-me que estivera em França. Ao chegarmos perto ao monumento dos Restauradores, fez aceno a um «chauffeur» que dormitava do seu banco. Correu célere, ao chamamento, e o meu «cicerone», na boa crença que eu não sabia portuguez, disse-lhe:

—Trago-te mais um:  
Depois dirigindo-se-me:  
—«Une promenade de trois heures?»  
—«Oui!» respondi-lhe.  
E o cavalheiro, tornando ao «chauffeur»:  
—O «gajo» quer um passeio de tres horas.

—Pede-lhe vinte mil réis  
—Ora... quem pede vinte, pede vinte e cinco.

Voltando-se para mim:  
—«Le prix c'est vingt cinq mil réis».  
—«Combien?»  
—«Cent francs, peut près».

Realmente, era a mais indecorosa de todas as explorações.

—Mas o que é que vocês julgam, ó cavalheiros? exclamei em bom portuguez. Pensam que eu estou doido, seus...»

Calcula-se, por esta verdadeira fita animatographica, a lhaneza, a amabilidade, a decencia, o cuidado de atracção que em Lisboa se dispensa aos turistas e viajantes estrangeiros, que tenham a infelicidade de não terem aqui uma pessoa amiga que os livre dos assaltos feitos ás respectivas bolsas.

Estamos absolutamente convencidos de que os casos narrados n'essa descripção são authenticos, porque muitas e variadas vezes nos tem chamado a atenção para o assumpto, aguardavamos, porém, uma oportunidade para fazermos experiencia identica á que foi realisada agora pelo reporter d'«A Manhã» que assim se nos anticipou. Não foi, todavia completa a sua reportagem, porque muitas outras coisas ha em que, na nossa terra, se usa e abusa da ignorancia dos estrangeiros.

Essas pô-la-hemos nós a claro quando tivermos occasião de «faire un tour» —como disse o amavel cicerone do automovel.

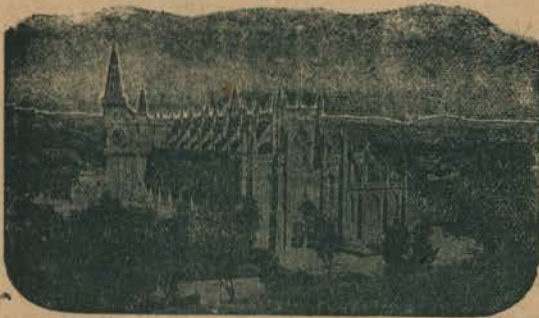
Entretanto vamos registando o que vier a lume, sobre este assumpto; pedindo desde já á Repartição de Turismo que exerça a sua influencia junto das instancias competentes para que se ponha termo á infamia e anti-patriotica exploração que se faz dos estrangeiros que veem de visita á Capital.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

## PORTUGAL

## AOS OLHOS DE TODO O MUNDO

Oldeiro Cezar, o brilhante jornalista que tanto lustro tem dado à imprensa portuguesa com as fulgurações do seu scintilante espirito, descreveu no «Seculo» edição da noite a entrevista que teve ha pouco com M.



BATALHA—VISTA GERAL DO MOSTEIRO

René Moreau, que veiu a Portugal encarregado pela casa Pathé, de Paris, de «filmar» os nossos aspectos originaes e pitorescos. As impressões colhidas pelo illustre homem de letras encontram-se descriptas no seguinte artigo, que nos permitimos a liberdade de transcrever, para assim darmos aos nossos leitores um prazer espirital e consolador e, ao mesmo tempo, mostrar a riqueza que inconscientemente temos perdido por não sabermos aproveitar as condições sobrenaturaes, unicas e verdadeiramente originaes com que a Natureza nos dotou.

Damos a palavra a Oldeiro Cezar:

ESTÁ desde algumas semanas entre nós o sr. René Moreau, distinto operador da casa Pathé, trazido á nossa linda terra pela iniciativa dos srs. drs. José de Ataíde e Magalhães Lima, o primeiro director da Repartição de Turismo e o segundo o incançavel trabalhador da Sociedade Propaganda de Portugal.

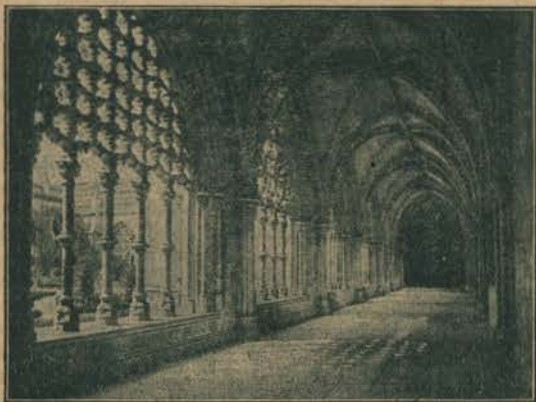
Tive hontem, no regresso de Alfama e Mouraria, onde cinematographára curiosos aspéctos, o prazer de ouvir o sr. René Moreau elogiar entusiasticamente a nossa linda terra, que ele já pela terceira vez visita em serviço da acreditada casa que representa.

Declarou-se encantado, este francez

inteligente e culto, cuja mala, no hotel onde fomos terminar a nossa conversa, coberta de rotulos de hoteis de todas as partes do mundo, me falava da sua vida de peregrino do cinema e das encantadoras horas de viagem que tem feito.

Mais de cem mil metros de films portugueses n'ela se guardavam, prestes a seguirem para França, onde, cuidadosamente coloridos, vão revelar ao publico de toda a parte as incomparaveis belezas de Portugal, os seus tipos, os seus costumes, as suas paizagens, os seus bellissimos monumentos, indicados pela mão competente do sr. Guerra Maio, que a este nosso visitante tem servido de inteligente guia.

—Portugal é o paiz da Europa mais



BATALHA—CLAUSTROS

interessante de pitoresco e de côr— diz-me o sr. René Moreau. E se algum defeito tenho a notar-lhe, esse, decerto, já os proprios portugueses o terão cruelmente sentido antes de mim: a falta de hoteis nas devidas condições de conforto, tão appeteciveis a quem viaja.

De resto, julgo-o destinado a tornar-se um importantissimo centro de turismo, desde que depois da guerra a pro-

BATALHA—CLAUSTRO

paganda e a divulgação das suas naturaes belezas corram parilhas com o desenvolvimento das linhas ferreas,



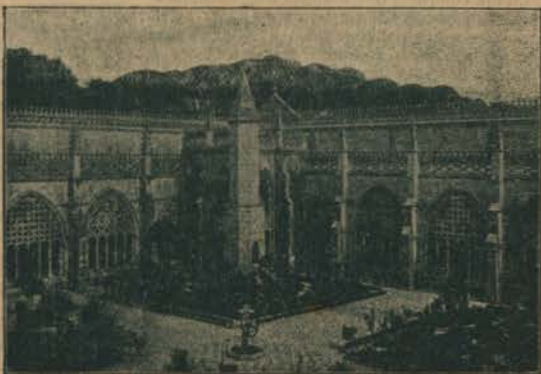
CINTRA—CAMARA MUNICIPAL

a fundação de bons hoteis e a organização de excursões com faceis meios de transporte aos seus mais admiraveis pontos.

Depois, o sr. René Moreau fala-me, entusiasmado, das belezas de Cintra, da maravilha de Monserrate, da imponencia dos Jeronimos, d'essa pequeno Versailles que é Queluz e do assombro da Batalha, onde, n'esta estação, as rosas trepam pelas colonatas e porticos, pela arcaria do claustro, completando assim o encanto d'aquella joia architectonica que todos os portugueses deviam contemplar de joelhos...

O MINHO PITORESCO—  
ALGUMAS EXCURSÕES  
DE MARAVILHA

Encanta-o o nosso céu tão azul, as nossas aguas tão puras, a nossa vegetação tão florida, e é com um quasi



religioso enternecimento que o oíço falar-me do Bussaco e de Coimbra, cujas tradições, se as conhecesse, mais avultariam, aos seus olhos de estranho, a incomparável formosura da nossa terra.

Tendo feito em comboio especial os trajectos encantadores do Vale do Vouga, do Vale do Corgo e do Vale do Tua, a tortuosa e ameaçadora linha do Douro, compara-os ao que de mais classicamente assombroso se aponta lá fóra aos turistas, não deixando de sobressair o característico de cada região.

A linha do Douro é uma maravilha! —E percorrendo em barco a gazolina o lindo rio da minha terra dil-o superior, em paizagem e pitoresco, aos lagos do Tyro e da Baviera, ás montanhas da Suíça.

Depois vem ainda o Porto, com a sua historica velhice. O Minho pitoresco, com as suas feiras de gado e romarias, os bailados tão curiosos das suas cachopas, de que «filmou» alguns quadros, para terminar na apoteose da Serra da Estrela, com o espantoso panorama da chegada a Manteigas, por uma estrada aos torcicolos descendo da montanha, tendo occasião de observar o carinho que a Sociedade de Propaganda da Serra e ao seu presidente, o sr. Pedro Boto Machado, tem

naes, que para o fiel aparelho registador do nosso cinematografista expressamente dançaram alguns curiosos bailados.

Terra de Portugal, minha linda e querida terra!

Quando, apaziguadas as ruins paixões dos homens, serás tu grande entre as maiores, amada entre as mais amadas, sem a cobiça dos estranhos



PONTE SOBRE O MONDEGO

nem o vil desprezo dos teus filhos?...

OLDEMIRO CESAR.

*Para nós, estremes propagandistas do Turismo em Portugal, refrigerou-nos a alma ler esse naco de bela proza, onde o sentimento patriótico — o mais legitimo de todo o ser humano aparece com um realce artisticamente colorido.*

*Esse valioso depoimento representa a melhor consagração da modesta obra que tem sido feita pela «Revista de Turismo» com a sua continua propaganda das belezas da nossa terra; e confirma por maneira incontrovertida dos nossos artigos sobre a necessidade de se efectuar uma criteriosa e ampla propaganda do nosso Paiz no estrangeiro, do estreitamento de relações pela viçgiatura nacional, da obrigação que patrioticamente nos assiste, de intervir directamente em tudo que ao desenvolvimento e progresso da industria de Turismo se relaciona.*

*A Oldemiro Cesar muito agradecemos, pois, o ensejo que nos deu de podermos registar o seu insuspeito e valioso testemunho; e oxalá ele sirva de estímulo a tantos outros que se podiam manifestar e de incentivo a muitos que classificam ainda a nossa aspiração de... so-nho ideal.*

## Sociedade Propaganda de Portugal

DEPOIS de uma aturada persistencia na resolução de varias difficuldades, conseguiu esta Sociedade ver a funcionar, nas Caldas da Rainha o Posto Meteorologico que por sua iniciativa ali foi instalado. O Dr. Almeida

Lima, Director do Observatorio do Infante D. Luiz, autorizando o fornecimento dos respectivos instrumentos, e o sr. Ferrujento Gonçalves, observador do mesmo, prestando-se gentilmente á montagem dos aparelhos, não só auxiliaram poderosamente a Sociedade na execução do seu intuito, como prestaram ao Paiz mais um serviço valioso, concorrendo para que aquella importante estancia termal fosse dotada com um melhoramento indispensavel para o registo das suas condições climatericas.

Assistiram á sua inauguração dois directores da Propaganda que foram ás Caldas expressamente para esse fim.

## ANUARIO DO «TOURING CLUB SUISSE» para 1918

ACABA de ser distribuido o *anuario do Touring Club Suisse* para o corrente ano, um interessante e portatil volume de 120 paginas, contendo indicações da maior utilidade para quem viaja na Suíça.

A Direcção do Touring Club teve a amabilidade de nos enviar um exemplar, pelo que aqui lhe consignamos os nossos reconhecidos agradecimentos.



GEREZ-FONTE FEIA

merecido aquella outra Suíça portuguesa, não lhe faltando sequer grupos de crianças vestidas com trajos regio-

## ARTE E LITERATURA

## A AIA

DE EÇA DE QUEIROZ

ERA uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e cearas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar—quando um dos seus cavalleiros appareceu, com as armas rotas, negro do sangue secco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flôr da sua nobreza à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou anciosamente o pae que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua fragil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

D'esses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus thesoiros, e que havia annos vivia n'um castello sobre os montes, com uma horda de rebeldes, á maneira de um lobo que, de atalaia no seu fojo, espera a presa. Ai! a presa agora era aquella creancinha, rei de mama, senhor de tantas provincias, e que dormia no seu berço com seu guiso d'ouro fechado na mão!

Ao lado d'elle, outro menino dormia n'outro berço. Mas este era um escravosinho, filho da bella e robusta escrava que amamentava o principe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo se os creava. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o principinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava tambem por amor d'elle o escravosinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Sómente, o berço de um era magnifico e de marfim e de verga—e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era a seu filho—o outro seria o seu rei.

Nascida n'aquella casa real, ella tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto á beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continúa no ceu. O rei seu amo, de certo, já estaria agora reinando n'um outro reino, para além das nuvens, abundante tambem em cearas e cidades. O seu cavallo de batalha, as suas armas, os seus pagens tinham subido com elle ás alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, promptamente iriam n'esse reino celeste, retomar em torno d'elle a sua vassallagem. E ella um dia, por seu turno, remontaria n'um raio de luz a habitar o palacio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas tunicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no ceu como fóra na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, tambem ella tremia pelo seu principinho! Quantas vezes, com elle pendurado no peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infancia, nos seus annos

lentos que correriam antes que elle fosse ao menos do tamanho de uma espada, e n'aquelle tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, fãmino do throno, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre principinho da sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado—era para elle que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indigencia, nada tinha a receiar da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glorias e bens do mundo do que já estava alli no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existencia, na sua verdade, era para elle mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu principe, porque nenhum dos duros cuidados com que ella ennegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquella humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores—dos beijos que ella fazia ligeiros sobre as mãos do seu principe.

No entanto um grande temor enchia o palacio, onde agora reinava na grande batalha entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina, que errava no cimo das serras, descera á planície com a sua horda, e já a travéz de casaeas e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaia ardiam lumes mais altos. Mas á defeza faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre elle a sua fraqueza de viuva. Só a ama leal parecia segura—como se os braços em que estreitava o seu principe fossem muralhas de uma cidadella que nenhuma audacia pôde transpor.

Ora uma noite, noite de silencio e de escuridão, indo ella a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, á entrada dos vergeis reaes. Embrilhada á pressa n'um panno, atirando os cabellos para traz, escutou anciosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando mollemente, sobre lages, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um claro de lanternas brilhos d'armas... N'um relance tudo comprehendeu—o palacio surprehendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu principe! Eutão, rapidamente, sem uma vacillação, uma duvida, arrebatado o principe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga—e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flammejante, com um manto negro sobre a cotta de malha, surgiu á porta da camara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou—correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a creança, como se

arranca uma bolsa de ouro, e abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O principe dormia no seu novo berço. A ama ficára immovel no silencio e na treva.

Mas brados de alarme atroaram de repente o palacio. Pelas janellas prepassou o longo flammejar das tochas. Os pátios resoavam com o bater das armas. E desgredinhada, quasi nua a rainha invadiu a camara, entre as aias, gritando pelo seu filho! Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vasio, caiu sobre as lages, n'um choro, despedaçada. Então calada, muito lenta, muito pallida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O principe lá estava, quieto, adormecido n'um sono que o fazia sorrir, lhe illuminava toda a face entre os seus cabellos d'ouro. A mãe calou sobre o berço. com um suspiro, como cêa um corpo morto.

E n'esse instante um novo clamor abalou a galeria de marmore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triumpho. O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palacio e a cidadella, esmagado pela forte legião de archeiros, succumbira, elle e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficára, com flechas no flanco, n'uma póça de sangue. Mas, ai! dor sem nome! O corpinho tenro do principe lá ficára tambem, envolto n'um manto, já frio, róxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens d'armas—quando a rainha, deslumbrada, com lagrimas entre risos, ergueu nos braços, para lh'o mostrar, o principe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvará? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vasio, muda e hirta, aquella que o salvará! Serva sublimemente leall Fóra ella que, para conservar á vida ao seu principe, mandára á morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extatica, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E d'entre aquella multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com supplicas de que fosse recompensada magnificamente a serva admiravel que salvara o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas d'ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ella fosse levada ao thesoiro real, e escolhesse d'entre essas riquezas, que eram como as maiores dos maiores thesoiros da India, todas as que o seu desejo appetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de marmore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como n'um sonho, ella foi assim conduzida para a Camara dos Thesoiros. Senhores, aias, homens d'armas, seguiam n'um respeito tão commovido que apenas se ouvia o roçar das sandalias nas lages. As espessas portas do Thesoiro rodavam lentamente. E, quando um servo destrancou as janellas, a luz da madrugada, já clara e rosea, entrando pelos gradeamentos de ferro, accendeu um maravilhoso e faiscante incendio d'ouro e pedrarias! Do chão de rocha até ás sombrias abobadas, por toda a camara, reluziam, scintillavam, refulgiam os escudos d'ouro, as armas marchetadas, os montes de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de perolas, todas as riquezas d'aquelle reino, accumuladas por cem reis durante vinte seculos. Um longo ah, lento e maravilhado, passou por sobre a turva que emmudecera. Depois houve um silencio, ancioso. E no meio da camara, envolta na refulgencia preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se tinham erguido para aquella ceu que, além das gra-

des, se tingia de rosa e de oiro. Era lá, n'esse ceu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava de certo, e procurava o seu peito... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquelle lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado e rubis, ia ella escolher?

A ama estendia a mão—e sobre um escabello ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma provincia.

Agarrára o punhal, e com elle apertado fortemente na mão, apontando para o ceu, onde subiam os primeiros raios do sol, encanou a rainha, a multidão, e gritou:

—Salve o meu principe, e agora—vou dar de mamar a meu filho!

E cravou o punhal no coração.

## BIBLIOGRAPHIA

### CANTIGAS DE SAUDADE POR ANTONIO BOTTO

ANTONIO BOTTO é um poeta delicado e sentimental. O seu novo livro *Cantigas de Saudade* é uma revelação de quanto a sua alma sabe entoar os canticos da paixão. D'essa preciosa obra destacamos as quadras seguintes:

*O vento espalha cantando,  
Folha a folha pelo chão;  
Só não espalha as Saudades  
Que eu trago no coração.*

*Eu ausente e tu ausente,  
Eu de ti e tu de mim;  
Saudade, quando me deixas??  
Ausencia, quando tens fim?*

*Fui eu que, cantando aquella  
Cantiga que só eu sei,  
Ao som do sino que dobrava,  
Teu lindo corpo enterrei.*

Em todo o livro transparece a mesma magua, a mesma saudade e que Antonio Botto nos faz sentir e nos leva até á comoção.

G. M.

## A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

*Madrid (Atocha), Madrid (Norte),  
Manzanares, Valdepeñar, Ciudad  
Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas),  
Sevilla (S. Bernardo), etc.*

## DO ESTRANGEIRO

### CARTA DE FRANÇA

PARIS, Abril — 1918

AQUELQUE CHOGE... Assim é que d'esta tremenda calamidade que ora está assolando o mundo não restarão, apenas, as cinzas d'uma civilização; mas outra maior, mais esmerada e, porventura, mais completa, resurgirá d'esse triste monturo de odios, de interesses e de egoismos que abafam ainda, com cruel impiedade, as lagrimas, das mães, os gemidos angustiosos das esposas e os gritos lancinantes dos filhos, n'uma contorsão de dôr, de imensa e profunda dôr, pela perda do ente querido, do amparo, do amigo!

Sobre toda a negrura do horrivel quadro que se está passando aos olhos estarrecidos do mundo inteiro, ha de, um dia proximo—assim o crêmos—erguer-se integra, magestosa e prometedora, uma nova era de felicidade, de trabalho, de laboriosos emprehendimentos, e de proveitosas orientações, em que assentará essa outra civilização, como natural sucessora d'esta agonia, com que o estertor mortal vem lentamente convulsionando a velha civilização.

Os ensinamentos do passado são demasiado grandes para deixarem de ser exemplos proveitosos. A experiencia, que é a melhor mestra da vida, tem sido bem dura, bem claramente elucidativa, para que se tente renovar'a. E, sem duvida, não se procurará repetir os erros inconscientes ou voluntariamente cometidos, porque os resultados tem sido por demais eloquentes para se admitir ainda qualquer esperanza, em face da evidente clarividencia dos factos.

Essa é a visão que sobressahe do espirito observador; que se apresenta áquelles que se tem dedicado a prescrutar a alma d'essa grande nação, a ouvir o coração do povo francez, d'onde apenas e apezar de tudo, um só grito sahe com a violencia das grandes comoções: *Pour la Patrie!*

Sim! E' pela Patria, por essa grande França da civilização, que os seus filhos estão morrendo. E' para que ela se salve e se redima dos seus pecados e dos seus erros, que esse sangue latino, bom e generoso, está regando os campos da lucta. Mas d'essa triste sementeira, renascera mais brilhante em seu colorido, mais heroico em sua forma, mais glorioso aos olhos de toda uma nova civilização, o pavilhão tricolor da França!

Emquanto nas trincheiras os bravos soldados defendem, palmo a palmo, com heroismo e valentia, os torrões da sua terra natal, trabalha-se, nos seus centros d'actividade, em reconstituir uma nova França, na constituição da sua nova Sociedade, nas bases organicas d'uma outra vida de felicidade e de prosperidade, de progresso e de labor; porque não importa sómente que essa grande patria se salve da hecatombe que a está diziminando; mas, é tambem necessario que ella esteja preparada para, na oportunidade, dar começo á incomparavel obra que terá de atingir até os alicerces, n'uma revolução de sanidade, de energias e de patriotismo.

Isto tudo se fará deante do altar da Patria, tendo-a por unico symbolo, obedecendo-lhe como inconfundivel divisa!

Por toda a França activa, não mobilizada nos exercitos em lucta, mas empenhada tambem na defeza da sua Patria, trabalha-se n'esse sentido. Todos, agora, na mais santa fraternidade, se dão as mãos, unem os seus esforços, conjugam as suas ideias para se valerem ainda durante este periodo calamitoso, preparando simultaneamente o futuro, n'um esforço heroico, herculeo, mesmo!

—E, finalmente, o seu ideal é tão puro: ser grande! A sua legitima aspiração é tão simples—rehaber a Alsacia-Lorena! essa Alsacia que foi, é e ha de ser franceza de coração, franceza de espirito, no sofrimento, na dôr, na paixão!...

Todos sabem a consagração que os francezes dedicam a essa encantadora e sofredora provincia; mas para se avaliar bem até que ponto vão os extremos de dedicação mutua, basta simplesmente citar que todas as alsacianas que, antes da guerra, entravam na França, collocavam logo, n'uma das côcas do grande laço que lhes orna a cabeça botão tricolor. A esta sentimental manifestação, os francezes correspondiam, descobrindo-se á passagem de qualquer d'essas representantes da sua antiga provincia.

Por um lado a expontaneidade d'um sentimentalismo puro, são, subtil; por outro, a recompensa de maior respeito, da mais acrisolada veneração, em que envolviam todo o seu carinho, a maior das suas sympathias, a mais franca das suas dedicações!

São assim os francezes. Sempre o foram da mesma forma.

—Oh! não lhes girasse nas veias o sangue latino!

A guerra! Eis a palavra que continua escaldando os labios d'este bom povo,—em que se converte as suas preciosas lagrimas!

—E quando terminará esta sangrenta calamidade?!

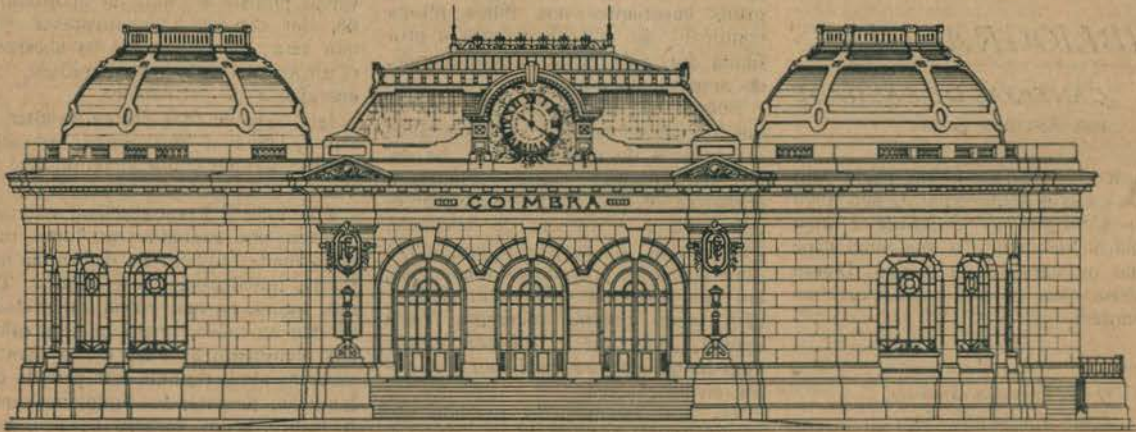
Paris está modificada; nem parece a cidade da alegria, do prazer, da vida incomparavel dos «boulevards», dos Champs Elisées, da Opera, das *Trouvailles*! E' que sob esta capital do mundo civilisado paira ainda a densa nuvem, ameaçadora, temerosa, estupi-

## EM COIMBRA

### A NOVA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

COIMBRA... TERRA D'AMORES—como lhe chamou o mavioso poeta Vicente Arnoso—essa encantadora cidade de tradições, onde a sciencia desenvolve os espiritos e o Mondego rega a graça das mulheres portuguezas; onde o coração da maior parte da mocidade masculina aprendeu a... perder-se; vae ser dotada com um melhoramento a que de ha muito tinha direito. Esse beneficio é a construção d'um edificio apropriado para a estação que liga a linha da Louzã

O novo edificio, cuja fachada principal assentará sobre o Largo das Ameias, é de simples linhas architectonicas, a fim de que a sua construção seja facil e não muito dispendiosa. Todavia, no projecto procurou-se dar-lhe, tanto quanto possível, a melhor elegancia e uma proporcional apparencia, para que esse edificio se conjugue com os bons predios que se vêem já hoje na Avenida Navarro—onde fica fazendo frente, na qual se encontra o belo «Palace-Hotel».



PROJECTO PARA A NOVA ESTAÇÃO

damente aborrecida, que enerva os espiritos mais calmos e aterrorisa os mais timoratos. Domina ainda, n'este outr'ora paraizo mundial, a incerteza da desconfiança, não no valor, nem na bravura dos soldados francezes, mas na duração d'esta calamidade, nas suas funestissimas consequencias para a alegria da Patria, porque, embora o ruido, o estrondo, o estonteamento do Paris, após a guerra, volte ao seu grau de incomparavel, de unico, de verdadeiramente original, o certo é que no peito da França haverá, até que esta geração se extinga, o soluço reprimido das lagrimas, o luto substituindo a dor pela perda dos entes queridos, d'essas parcelas que eram partes integrantissimas da alma nacional.

Calar-se-hão os choros, como mesmo n'esta critica hora se transformam em fervorosas preces, em preciosos incitamentos, em extremos de inaudita coragem; mas a saudade, essa funda provação que tem dilacerado o coração francez, jamais se desfará, nem se desvanecerá por maiores que sejam os reagentes.

Ah! Bela França!

J. C.

do ramal e cuja necessidade se estava fazendo sentir, não só pela desenvolvimento com que o trafego se tem manifestado, mas pela obrigação moral que se impunha, de dotar a formosa linha do Mondego com uma gare a que justa e legitimamente se chamasse a estação do caminho de ferro.

A nossa gravura representa o projecto que vae ser posto em pratica, e que substituirá o barracão acanhado, inesthetico e improprio que, como uma negra mancha, ofuscava o brilho infinito da bela cidade universitaria.

E, procurando os seus corpos administrativos alinda-la, por todas as formas, melhorando as suas avenidas e edificações, a viação e a iluminação; transformando o que não tinha significação e modificando o que não representava uma tradição; justo era que aquele melhoramento fosse contado e posto em pratica para o complemento da valiosa obra que se vem exercendo para o aformoseamento da Luza-Athenas.

N'um rapido esboço, vamos descrever a disposição do novo edificio.

E', pois, com aprazimento que registamos essa optima iniciativa da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e ao nosso contentamento por esse facto juntamos os votos para que se possível fôr—antes do prazo marcado (dois anos) a nova estação se erga triumphalmente sobre as cinzas da actual.

### Capas para encadernar o 1.º ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$60 (mil e seiscentos réis); fornecendo-se só as capas por 1\$20.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do País.